

O que significa dizer que «o concílio teve a presença de cerca de doze bispos», quando logo a seguir se diz «os doze bispos presentes» (p. 133)? Porque é que o imperador é chamado «Valente» e poucas linhas depois o mesmo é dito «Valêncio»? (p. 121). Porquê chamar a outro imperador «Honorius» e não «Honório» (p. 124)?

Uma obra como esta, devia primar pelo rigor dos conceitos e, por isso, não pode confundir «laico» e «leigo», como acontece na página 139. Embora seja uma observação menor, julgo que tem alguma pertinência observar que em português o «pai dos monges» (*Antonius*), é denominado entre nós de «S. Antão» e não «S. António» (pp. 144 e 145), forma que se reserva para o santo franciscano, nascido em Lisboa, no final do século XII.

Por tudo quanto ficou dito, embora se louve o esforço da Autora em escrever, como sua tese de doutoramento em História, acerca de uma temática tão pertinente e onde continua a ser necessário muito debate e aprofundamento, só poderemos recomendar aos estudiosos da história do cristianismo antigo (e particularmente ao público académico, em formação) o livro editado, depois de uma séria revisão.

Armando Martins

ANN WARD, *Herodotus and the Philosophy of Empire*. Waco, Baylor University Press, 2008, 248 pp. ISBN 978-1-60258-007-7.

A recente publicação pela Baylor University Press da tese de doutoramento apresentada por Ann Ward, à Universidade de Forham, em Nova Iorque, em Dezembro de 2001, sob o título de *Philosophy and Empire. Herodotus and the Best Regime*, afigura-se como um importante contributo para o estudo da filosofia política que estruturou o pensamento de Heródoto ao longo das *Histórias*.

Através de uma análise perspicaz do texto e do confronto com as ideias de Tucídides, a A. concentra a sua atenção nos diferentes regimes políticos que governam Egípcios, Citas, Espartanos e Atenienses, ignorando a questão temporal, na sua busca do melhor regime para governar o homem, para concluir finalmente que a democracia que governa Atenas é, de todos, o melhor. No entanto, o próprio Heródoto está já muito consciente dos perigos que o imperialismo representa para a democracia. O imperialismo persa e os inícios do ateniense transformam-se assim no epicentro da obra de Heródoto, que pressagia assim a de Tucídides.

Sem descurar a riqueza do texto em aspectos antropológicos, etnográficos e religiosos, Ward defende que as *Histórias* são uma proposta de império, espiritual e intelectual, que Heródoto acreditava ser a única forma de unificar o mundo num único império e em simultâneo, preservar a diversidade cultural de todos os povos que o habitam. Democracia, oligarquia e monarquia são fruto abstracto da natureza complexa do discurso humano que recorre às palavras para universalizar aspectos particulares da natureza humana, como se torna evidente na leitura do famoso debate constitucional (Hdt., III.80-83). Otanes, Megabizo e Dario, propõem cada um o que acreditam ser o melhor regime, na teoria. No entanto, nenhum deles toma em consideração as diferenças entre os povos, cujos costumes e culturas vão alterando com o passar do tempo. As ideias expressas no debate colocam o historiador de Halicarnasso como precursor da teoria política que autores posteriores como Platão, Aristóteles, Xenofonte ou Políbio irão desenvolver nas suas obras ao estudarem as diferentes constituições que vigoravam por todo o mundo grego.

O interessante estudo da A. encerra com uma curiosa reflexão sobre os perigos que rodeia a democracia americana nos alvares do século XXI, dedicando uma especial atenção ao problema do Império, num mundo profundamente mudado pelo 11 de Setembro. Com a guerra épica contra o terrorismo em pano de fundo, Ward reencena de forma magistral o debate constitucional ao confrontar as posições políticas e intelectuais, através dos discursos e entrevistas de três políticos (Paul Wolfowitz, Colin Powell, ambos da administração Bush e Joseph S. Nye Jr., que serviu durante a presidência de Clinton) e um jornalista, Robert W. Merry, que estuda o terrorismo e a projecção do poder americano no mundo, para nos demonstrar que apesar dos séculos decorridos, Heródoto mantém toda a sua actualidade e que os alertas que fez a Atenas continuam a ser válidos para a América e para as suas políticas externas.

Nídia Catorze Santos

M. L. WEST, *Indo-European Poetry and Myth*. Oxford, University Press, 2007, 525 pp., ISBN 978-0-19-928075-9.

Dez anos depois do importante *The East Face of Helicon. West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth* (Oxford, 1997), o Professor